



IV Congresso Internacional de Direitos Humanos (CONIDIH)

Direitos Humanos em um mundo em transformação Campina

Grande – PB de 20 a 22 de novembro de 2019

**Ethos e fronteira: uma breve análise sociológica na Amazônia
franco-brasileira no universo da garimpagem**

Paulo Milhomens

Campina Grande

2019

Ethos e fronteira: uma breve análise sociológica na Amazônia franco-brasileira no universo da garimpagem*

Paulo Milhomens**

Resumo

O presente artigo analisa relações sociais baseadas em códigos e condicionamentos sociais na fronteira entre Amapá e Guiana Francesa, mais especificamente na cidade de Oiapoque, no Extremo Norte do Brasil. Esta análise baseia-se na construção do Ethos com pessoas envolvidas na atividade garimpeira, sobretudo no território franco-guianense.

Palavras-chave: Fronteira franco-brasileira; Amazônia e Amapá; Garimpo.

Ethos and border: a brief sociological analysis in the Franco-Brazilian Amazon of the race to gold

Abstract

This article analyzes social relations based on codes and social conditionings on the border between Amapá and French Guiana more specifically in the city of Oiapoque, in the far North of Brazil. This analysis is based on the construction of Ethos with people involved in the *race to gold* activity, mainly in the French-Guianese territory.

Key words: French-Brazilian border; Amazônia and Amapá; Race to gold.

* Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Direitos Humanos (CONIDIH) entre os dias 20 e 22 de novembro de 2019 na cidade de Campina Grande, Paraíba.

** Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professor de História Contemporânea na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). O presente artigo é parte da composição de um dos capítulos de minha tese doutoral, sob orientação da Prof^a. Dra. Simone M. Brito.

A verdadeira viagem do descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ver com novos olhos.

Marcel Proust

Há quase doze horas na estrada, só conseguira lembrar a última vez que havia estado em local similar. A BR-156 (que liga a capital Macapá ao município de Oiapoque) era para mim, a princípio, apenas mais uma das grandes bifurcações da Amazônia Oriental. Estava há pouco mais de três meses no estado do Amapá motivado por um concurso público. Lembrei informalmente destas passagens, pois a Amazônia pode ser compreendida como “um Brasil à parte”. E por ser uma região de fronteira, seria inevitável não pensar nos campos sociais e suas formas de poder simbólico – essa percepção atravessa o imaginário como uma lâmina cortante. Para Bourdieu, por exemplo, a dimensão das disputas entre campos pode estar estruturada através de classes e até frações de classes e aí consiste a riqueza de um objeto de pesquisa.¹

De todo modo, a fronteira não pode ser pensada como um espaço compacto, mas como uma *disruptura*, um lugar que neutraliza as funções institucionais do Estado. Fronteiras são espaços que possuem uma dinâmica social própria. Neste meio tempo, cheguei em Oiapoque (Amapá) divisa com a Guiana Francesa em março de 2014, para exercer a função de professor de *História Contemporânea* na Universidade Federal do Amapá. A cidade fica distante aproximadamente 600 quilômetros da capital, Macapá.

Em relação às fronteiras do Brasil, Oiapoque torna-se conhecida mais por suas alusões geográficas limitadas do que por pesquisas em seu território. O famoso jargão “Do Oiapoque ao Chuí” surgiu como referência a uma construção imaginária bastante reforçada por livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio nas décadas de 1970 e 1980. Na divisa com a Guiana Francesa, temos o rio Oiapoque, que separa

¹ Ver Bourdieu (2007).

as duas regiões. As chamadas cidades gêmeas são Saint-Georges de L'Oyapock (do lado franco-guianense) e Oiapoque respectivamente.

A ideia de cidades com o mesmo nome atesta as relações diplomáticas e suas implicações históricas, além de acordos de cooperação econômica. No caso de Oyapock (palavra oriunda do francês-guianense) e Oiapoque (palavra em português de origem indígena), hipoteticamente, trata-se de uma expressão indígena de origem Tupi-guarani que significa “Casa dos Waiãpi” (povo indígena que habita a região). Os primeiros vestígios de moradores fixados na fronteira remontam os anos de 1900-1907, mas em termos de ocupação efetiva, ocorreu somente através do Decreto-lei nº 7.578 de 23 de maio de 1945 (que oficializa a criação da cidade).

Já o Distrito Militar de Clevelândia do Norte (distante cerca de 16 quilômetros de Oiapoque) foi fundado no início do século XX, ainda na Primeira República (1889-1930). Oiapoque e Saint-Georges de L'Oyapock possuem elos de formação histórica já estudados por autores como Romani (2005) e Cavlak (2016), seja por direcionamentos historiográficos ou antropológicos. Como qualquer fronteira, esta relação não é estável culturalmente: na perspectiva dos acordos bilaterais e termos de cooperação assinados, tais políticas são praticamente inexistentes.

Este aspecto das Relações Internacionais merece um estudo à parte, entretanto, o ponto que nos interessa é tratar alguns caracteres específicos perceptíveis empiricamente na fronteira franco-brasileira: o *Ethos* na cultura da garimpagem. Muitos elementos podem ser encontrados em uma faixa de fronteira. Entre elas, uma que considero fundamental são atividades comerciais e informais. Ocasionalmente pela distância geográfica e por acessos terrestres difíceis, a *corrida para o ouro*² torna-se ao longo de décadas a atividade majoritária em Oiapoque. Para uma cidade que possui em sua área urbana e rural, pouco mais de 20 mil habitantes e ausência de organismos de controle institucional, o Estado não presentifica uma relação direta com a população que vivencia a dinâmica fronteiriça.

E como o garimpo se interpõe nestas relações sociais? A faixa fronteiriça entre Amapá e Guiana Francesa é constituída economicamente há décadas pelo

² Optei, conforme pode ser visto no resumo do artigo, traduzir *garimpo* para a língua inglesa como *race to gold* (literalmente *corrida para o ouro* ou *corrida do ouro*), pois não encontrei uma tradução compatível para o termo.

extrativismo da garimpagem. A possibilidade de se tratar sobre a fronteira em seu aspecto político precisa ser analisada, também, a partir da ideia de um Ethos. Isso certamente diz respeito à forma como seus habitantes se relacionam com seus *códigos imaginados* no espaço fronteiriço. Códigos estes que são estabelecidos para a manutenção de um imaginário local e identitário. Em seu livro *Comunidades imaginadas* (1983), o filósofo e cientista político Benedict Anderson aborda a perspectiva do pertencimento em grupo, deslocada da ideia nacionalismo, vinculada ao projeto do Estado.

Por sua vez, o filósofo e sociólogo Nobert Elias desenvolveu um trabalho de campo em um pequeno vilarejo no interior da Inglaterra, onde apresentou o conceito de outsider (“forasteiro”, “do lado de fora” ou “que não pertence”), tornando a ideia bastante difundida nas Ciências Sociais. Do ponto de vista do universo da garimpagem na fronteira, podemos notar uma relação importante:

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas, apesar disso, ferem profundamente os outsiders, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais [...] Em quase toda parte, os membros dos grupos estabelecidos e, mais até, os dos grupos que aspiram a fazer parte do establishment, orgulham-se de ser mais limpos, nos sentidos literal e figurado, do que os recém-chegados e, dadas as condições mais precárias de muitos grupos outsiders, é provável que tenham razão com frequência [...] (ELIAS, 2000, pp.27-29)

A forma como outsiders e estabelecidos se conectam na fronteira entre Saint-Georges de L’Oyapock e Oiapoque pode ser vista de forma diferenciada, embora siga a mesma premissa antropológica de Nobert Elias descrita em *O processo civilizador* (1998). Quando penso no papel do Estado como mantenedor de vínculos culturais articulados às leis, analiso o peso que as comunidades imaginadas possam (e passam) a ter frente às mesmas. Em relação aos transeuntes dos garimpos guianenses, estão na linha tênue entre dois mundos: o da garimpagem (outsider) e a condição de estabelecido como cidadão no município de Oiapoque. Esta relação existe pela própria dinâmica existente na espacialidade fronteiriça com a intensa

mobilidade. Pode-se *estar* outsider ou estabelecido, dependendo das espacialidades fronteiriças disponibilizadas.

Os garimpos existentes na Guiana Francesa não se configuram na sua territorialidade como espaços estáveis. Parte destas áreas de exploração de ouro não são localizáveis geograficamente por mapas oficiais. Na cidade de Oiapoque se ouvem histórias variadas sobre o acesso às áreas, mas limitadas a descrições genéricas. Parte dos informantes com quem tenho conversado há cerca de três anos, são cautelosos/as com declarações imprecisas, como “desce o rio” ou “três dias andando na varação”.³

A chamada “varação” é uma expressão comumente utilizada para quem viaja pela selva até os garimpos mais distantes da colônia francesa. Algumas descrições que obtive também fazem referência a localidades entre Guiana Francesa e Suriname. Quanto à ideia de comunidades imaginadas, é interessante notar pelos relatos de habitantes locais que nas áreas de garimpagem todas/os são outsiders por excelência. E isto se deve ao fluxo contínuo de pessoas que entram e saem ilegalmente destes garimpos, como podemos observar:

O itinerário mais problemático é o que se estende da cidade de Oiapoque até Ilha Bela e Vila Brasil. Nesse percurso notam-se dois aspectos significativos nas vivências dos brasileiros da fronteira Oiapoque-Guiana Francesa: o primeiro corresponde aos conflitos de interesses entre ribeirinhos, garimpeiros, comerciantes, ambientalistas, agentes do Estado brasileiro e agentes do Estado francês; o segundo é que o rio Oiapoque mesmo sendo o limite internacional que separa, acaba por se tornar uma membrana que acolhe interpretações entre vivências no devir histórico: no curso desse rio seguem experiências e expectativas de vidas humanas. Brasileiros, franceses e outros que circulam por esse rio, dele dependem para se deslocarem entre as coletividades situadas em suas margens, tanto do lado brasileiro quanto do lado francês. (GOÉS, 2014, p. 185)

É possível observar que o espaço fronteiriço carrega culturalmente traços que colocam a própria legitimidade do Estado em cheque. Ilha Bela e Vila Brasil são

³ Parte dessas descrições podem ser obtidas facilmente por motoristas de transporte alternativo que fazem o trajeto entre Macapá e Oiapoque, conhecidos como “Piratas” ou “Pirateiros”. Os carros usados por estes motoristas são caminhonetes da marca Hillux, que possuem tração nas quatro rodas. Em épocas de chuva intensa (entre os meses de março a agosto), são os meios de transporte mais eficazes para atravessar os atoleiros na BR-156 (que liga as duas cidades no estado do Amapá).

confluências do rio Oiapoque, localidades que funcionam como entrepostos da atividade garimpeira e ao longo de décadas, tem desgastado a relação entre os governos do Brasil e França devido ao contrabando e carregamento ilegal de ouro. Empiricamente é possível perceber que o comércio local de Oiapoque (serviços de hospedagem, restaurantes, comércio e transporte) é dependente diretamente da garimpagem desenvolvida em território guianense. Por exemplo, o transporte fluvial através do rio serve não apenas para transportar mercadorias para o garimpo, mas também, parte do ouro extraído ilegalmente na região. É comum ouvir muitas histórias na cidade sobre apreensões de maquinários e locais de exploração aurífera pelo *gendarmarie* (polícia francesa).

Mais uma vez, surge a necessidade de rever a posição e o lugar de *outsider*. A expressão comum para referir-se à colônia francesa é “outro lado”. Pessoas que transitam pelos espaços mediados na fronteira também costumam referir-se “à França”. Se você adquire status de cidadão na colônia francesa na condição de estrangeiro – maioria brasileiros/as – seja através de casamentos ou vínculos trabalhistas com período superior a dez anos, o governo francês disponibiliza um documento válido apenas em território franco-guianense chamado *Lettre de séjour*. Neste caso, o imigrante pode gozar de alguns benefícios sociais do governo francês (seguro desemprego, serviços de saúde e educação, etc.). Com a posse desse registro, muitos/as optam por estabelecer residência entre Oiapoque e Saint-Georges de L’Oyapock, estando ou não ligados a atividade garimpeira. “Do outro lado” é possível sair do estigma forasteiro da garimpagem através destas possibilidades?

Na prática o estado francês impõe um controle mais rígido de sua porção fronteiriça. Moradores/as que comprovem residir em Oiapoque há pelo menos um ano, o transeunte pode adquirir um documento chamado *Carta Transfronteiriça*, onde o acesso até a cidade Saint-Georges de L’Oyapock é permitido em um raio de até quinhentos metros dentro de seu perímetro urbano. Atualmente, para que imigrantes possam viajar pela Guiana Francesa, é necessário um visto que pode ser obtido no consulado francês em Brasília. Parte destas relações diplomáticas são norteadas pelos acordos de cooperação entre os dois países para a construção do projeto arquitetônico da Ponte Binacional, iniciado em 1996 e parcialmente inaugurada em abril de 2017. Entretanto, conforme Goés (2014), a tentativa de

integração entre os dois países através da referida ponte, remonta o final do século XIX:

Na fronteira Oiapoque-Guiana Francesa entre os anos de 1883-1884 foi descoberto ouro, estando a jazida situada numa área cuja soberania territorial estava sendo contestada pelos governos de Brasil e França e devido a isso era governada por um representante brasileiro e outro francês [...] As coletividades localizadas na fronteira de Oiapoque se encontram em condição periférica. Situação que acarreta uma série de dificuldades aos seus moradores e que são relativas à infraestrutura, educação, saúde, abastecimento, emprego e renda [...] Portanto, na atualidade, não é possível ter expectativas de que um arranjo institucional como a cooperação transfronteiriça franco-brasileira seja a solução para questões históricas relativas a demandas por satisfação econômica (Ibid, pp. 181-184).

Tal relação fronteiriça entre os dois governos, também levanta o debate sobre os entraves criados sob as premissas do Estado *versus* identidades locais:

[...] La consciencia de estar formando parte de un tiempo secular, serial con todo lo que esto implica de continuidad, y sin embargo de “olvidar” la experiencia de esta continuidad – produto de las rupturas de finales del siglo XVIII – da lugar a la necesidad de una narración de “identidade” (ANDERSON, 1993, p.285).

O projeto iluminista desencadeado pelo filojacobinismo europeu e seus ideais republicanos instauraram aquilo que entendemos como *consciência nacional*, o que não se conecta com os grupos sociais produzidos à margem daquilo que a Revolução Francesa legou ao mundo da civilização. A história pode nos dar exemplos pertinentes quanto ao espaço colonial franco-guianense, assim como suas relações de sociabilidade na fronteira.

Em seu livro *Fronteira, a degradação do outro nos confins do humano* (1997), o sociólogo José de Souza Martins desenvolve uma pertinente interpretação sobre os limites existentes não apenas no conceito de fronteira física, mas humana. Sua análise parte do pressuposto de que a degradação do *outro* viabilizada pela existência de quem domina, subjuga e explora, é parte fundamental na constituição de contextos fronteiriços. Neste caso, existe uma linha que separa o *humano* do *animal*, assim como o humano do não-humano.

Em Oiapoque – assim como em muitas cidades da Amazônia – é possível observar que uma fronteira constitui-se de multiplicidades, espaços conectados à civilização, mas também a uma percepção do humano dotada de significados distintos. Estas *múltiplas fronteiras* são espaços conectados à civilização, assim como o direito de perceber-se como humano. Dependendo do espaço e subjetividades que o sujeito/a estiver inserido/a, a ideia de civilidade pode ser questionada.

O espaço torna-se confinamento psicológico, físico, produto de uma territorialidade hostil. Seguindo a perspectiva de José de Souza Martins, fronteiras produzem diferentes tempos históricos: pode ser um lugar de renascimento e maquiagem de arcaísmos desumanizadores. Dessa forma, está longe de ser um “lugar novo”. Surgem os espaços da pequena acumulação capitalista periférica: traficantes que recrutam trabalhadores/as, donas/os de prostíbulos (escravização do trabalho sexual), vendedores/as de roupas e bugigangas, donos/as de pensões, polícia local a serviço de contrabandistas, pistolagem e outros meios de exploração econômica. Novas relações sociais são produzidas, inclusive, entre diferentes grupos de outsiders que parecem desconstruir a perspectiva de um tempo civilizacional: o lugar da ausência das regras do Estado produz um Ethos com singularidades temporais e espaciais específicas.

Ethos social em uma área de fronteira: três relatos

Analisando de perto complexidades culturais existentes na fronteira franco-brasileira, optei por trazer três informantes que vivem na cidade de Oiapoque há alguns anos e que estabeleceram relações com outros grupos pertencentes ao universo da garimpagem, mas por caminhos diferentes. A constituição sociológica do conceito de *Ethos* entrará como a parte conclusiva deste ensaio e tomo a liberdade de recorrer a registros de conversas realizadas entre 2015 e 2018. Os referidos/as informantes e as histórias coletadas trazem vivências que se entrecruzam na cidade, mas foram inseridas na garimpagem através de tempos distintos. Seu ponto em

comum é a região clandestina conhecida como *Garimpo do Anahi*, um dos mais conhecidos por transeuntes nas cidades de Saint-Georges de L'Oyapock e Oiapoque.

Aqui, considero que os “múltiplos” espaços existentes às margens do rio Oiapoque, configuram relações de proximidade e interacionismo que reverberam através da prática do *Ethos* refletidas diretamente em vários códigos disponíveis no uso cotidiano. Aqui, destaco a contribuição de Elias (2000) sobre as peculiaridades notadas empiricamente entre grupos estabelecidos e *outsiders*, assim como a consequente estigmatização que pode variar conforme as tradições de cada grupo. Especificamente na fronteira franco-brasileira, as populações indígenas me parecem os únicos grupos nativos permanentes e detentores culturalmente de uma tradição local. Diferentemente de comerciantes que realizam trabalho de venda de mercadorias através do rio, estas populações conseguem manter relativa autonomia frente aos impactos da garimpagem condicionados às terras guianenses.

Quanto aos códigos corporais, nota-se, a exemplo dos múltiplos espaços da garimpagem, uma profusão de práticas distintas e conectadas com outras. Porém, desenvolvidas sob bases assimétricas e como já vimos, não representam mudanças, mas apenas reforça estruturas culturais arcaicas. Em Oiapoque a ideia de *pertencimento arcaico* integra-se ao que Csordas (2008) traça como paradigma da corporalidade:

[...] Assim, para Merleau-Ponty o corpo é um “contexto em relação ao mundo”, e a consciência é o corpo se projetando no mundo; para Bourdieu, o corpo socialmente informado é o “princípio gerador e unificador de todas as práticas” [...] (CSORDAS, 2008, p.105).

Neste quadro etnometodológico, podemos tomar o exemplo de nosso primeiro informante. Dozinho, homem de aproximadamente trinta e poucos anos, vive em Oiapoque há dez e veio do estado do Pará para trabalhar com seus dois irmãos.⁴ Dozinho se define com um “virado”, que “faz tudo”, pois segundo o próprio, já foi até “marreteiro”. Dozinho está sempre com os cabelos tingidos de loiro ou como dizem na região, com “luzes” e esta parece ser a marca (código) de referência em seu lugar de atuação. Dozinho já esteve em alguns garimpos da Guiana Francesa, mas

⁴ Os nomes reais foram substituídos para manter a privacidade dos(as) entrevistados(as).

segundo ele, como vendedor de mercadorias (cigarro, chicletes, pentes, pastas de dente, etc.) e com isso agilizava outras atividades adjacentes como manuseio e pilotagem de catraias.⁵

Acabou se estabelecendo na região por conta dos inúmeros “negócios” que criou e pelo fato dos(as) filhas(os) chegarem na cidade. Para Dozinho, o lugar é para “ganhar dinheiro”. Quando o entrevistei, estávamos viajando de Oiapoque para Macapá com mais três passageiros à bordo da caminhonete Hillux que haviam chegado do garimpo (possivelmente Anahi) e vinham conversando entre si. Dozinho era o motorista:

[...] Tem um colega meu que leva porco e gado aí pra dentro dos mato [...] Ele trouxe um cunhado dele aí de Macapá pra ajudar ele (ri alto). Chegando no garimpo o cara foi dá uma de segurança. Levou um tiro no meio dos peito e tiveram que enterrar ele lá mesmo.⁶

A relação de Dozinho com o universo da garimpagem, assim como este relato de violência extrema – naturalizada por sua fala – é um retrato da própria degradação humanas vista como *código de honra*. Ser “valentão” no garimpo ou querer demonstrar uso de força física parece inútil, uma vez eu todos(as) parecem possuir armas de fogo. Esta regra vale para todos(as) que podem extrair ouro. Na área de garimpagem, você jamais pode ostenta-lo ou simplesmente mostra-lo: motivo para ser morto ou ser roubado. Este fato é observável por alguns comerciantes ou motoristas de transporte local em Oiapoque, andando com correntes, pulseiras e até *capas* na dentição (o que faz parecer que possui dentes de ouro). Ou seja, fora do garimpo, determinadas pessoas usam.

O irmão de Dozinho, sob o pseudônimo Kid, possui este traje corporal entre muitos(as). Lovano, outro conhecido colega de “pirataria” também ostenta o visual, assim como as luzes no cabelo. Aqui, percebemos as redes que são criadas, com atores peculiares no cenário de tipos que movimentam o dinheiro da garimpagem.

⁵ Nome dado aos barcos de porte médio que transportam passageiros(as) e mercadorias entre Saint-Georges de L’Oiapoque e Oiapoque através do rio de mesmo nome. As catraias são importantes veículos fluviais na região e basicamente todo o fluxo de mercadorias – inclusive ouro – são transportados por seus pilotos, conhecidos como catraieiros.

⁶ Procurei transcrever os depoimentos em seu estilo coloquial e preservar integralmente a natureza das falas.

Depois de algum tempo vivendo na cidade é que passei a observar tais características em algumas pessoas. Outro aspecto recorrente são as conversas triviais sobre mortes no garimpo por estes “aventureiros experientes”, sinalizando respeito por parte de quem ouve. Regra básica: nunca duvide de quem está contando a história. Aqui reside um fato curioso: o algoz das matas clandestinas pode ser um sujeito de “boa reputação” na cidade. Sobre a questão podemos observar:

[...] Diferentemente, então, das teorias segundo as quais as pessoas tem suas ações moldadas por determinantes da estrutura social, a etnometodologia nos considera como indivíduos capazes de observar as ações uns dos outros e as avaliar, desenhando uma vida social composta por uma fenomenologia de ações e situações mútua e constantemente em questão. A competência, então, aqui, é uma informação sobre a forma como cada um de nós se constitui como ente social, a partir de uma capacidade de olhar para os lados e, enxergando-se, enxergar os outros, sem com isso ser guiado por alguma força externa determinante. (WERNECK, 2013, p.710)

Possivelmente, a formação do *Ethos* nesta fronteira, além da peculiar naturalização da barbárie, é a identificação do outro(a) através de singularidades perceptíveis no uso do corpo. Quando eu observo a(o) outro(a), valho-me dessa regra. O aspecto central das descrições garimpeiras ganha um contorno distinto sobre a violência na fala de outra informante: Dina. Atualmente trabalha como administradora de uma pensão nas proximidades da BR-156, e está sempre de “papo” com seus hóspedes. Dina é o que podemos chamar de uma *mulher trans*. Nasceu homem, mas ao longo do tempo foi adquirindo características do gênero feminino ainda na infância, em sua terra natal, no Pará. Entre muitas histórias que me contou, as falas sobre o garimpo norteiam sua permanência na fronteira:

Eu fiquei muitos tempo no garimpo. Fui fazê ploc. Ih, Paulo, eu chegava a gastar num fim de semana aqui no Oiapoque uns oito mil reais.⁷

⁷ Conversas realizadas entre 2016 e 2017. Dina trabalhou em um bar, *Ôla Ôla*, próximo à minha residência na época. Frequentava o local nos fins de semana e depois descobri que era um entreposto entre muitas pessoas que iam e vinham de garimpos guianenses, sobretudo do Anahi.

Indaguei sobre essa condição de “ploc” (*garota de programa* como se chama na região) e como era seu cotidiano para visitar conhecidas(os) na cidade:

O Anahi é o garimpo que mais deu ouro. Ainda dá. Fazer Ploc era bom, ganhei muito dinheiro. Eu era bem magrinha, cinturinha fininha (em certa altura, tira o celular do bolso e mostra uma foto com roupas íntimas). Eu era uma mulher bonita. Quando eu passava nos barranco e os hõmi ficava tudo doido. Os bicho mais perigoso queriam ficá comigo. Eu só namorava bandido, bicho pirigoso e pistoleiro.

Sua percepção sobre o universo da garimpagem, assim como seus trajes de mulher – embora tenha nascido homem e nunca vista como tal neste espaço – foram fundamentais para sobrevivência nas matas da Guiana Francesa. Este uso do corpo como estratégia é analisado na sociologia das pequenas coisas, como atesta Goffman (2002):

[...] Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revertimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. Como disse Durkheim, não permitimos que nossa atividade social superior “siga a trilha de nossos estados físicos, conforme acontece com nossas sensações e nossa consciência corporal [...] (GOFFMAN, 2002, p.58)

Diferentes facetas de representação de Dina podem definir como o jugo e a noção de *Fronteira do humano* (MARTINS, 1997), mostra exatamente como a barbárie se instala em um dado território e pode apresentar muitas facetas em seus imbricados espaços. Dina fez do corpo um elemento chave para compreender as muitas faces dessa violência local.

Nossa terceira entrevistada é a defensora pública Aline Santos e, inclusive, fez questão de identificar-se quando falei sobre o projeto de tese doutoral na qual resulta a síntese deste artigo. Aline trabalha no Fórum de Oiapoque, onde fica sediada uma secretaria dos juizados cível e criminal, atendendo a região do município e adjacências. Realizei uma entrevista de aproximadamente oitenta minutos com Aline que se dispôs a falar sobre alguns problemas do que chamo *população flutuante*

quando submetidos aos agentes da lei.⁸ Uma história em particular me pareceu instigante para se pensar o Ethos fronteiriço – ou pelo menos uma parte do que compõe sua estrutura. Trata-se de uma mulher que se identificou como residente no garimpo (pelas descrições, Anahi) solicitando a certidão de nascimento do filho:

Ela chegou e disse que queria tirar o registro do filho dela. E era grande o menino, tinha uns três anos. Aí perguntei: Por quê ele não tem registro de nascimento?”. Aí ela disse: “Não, é porque ele nasceu no garimpo”. Ela não disse exatamente aonde era esse garimpo na Guiana, mas eu acho que era o Anahi [...] “Não, é porque eu passo muitos anos no garimpo e não sei o que mais”. E o menino bem nutrido, bem cuidado e com um colar de ouro, que é bem peculiar. Ele ficou achando meio estranho. Ela disse: “É que ele fica no mato, nunca veio na cidade. Não come mingau, essas coisas, come é carne de caça. Nunca estudou”. Disse que o menino nunca fica doente e que tem uma saúde muito boa, nunca tinha ido ao médico [...] Ela disse que igual a ele há muitas crianças no garimpo com 10 ou 11 anos que para a sociedade civil nunca existiram [...] são pessoas que não existem estatisticamente.⁹

Nesta descrição, fica perceptível a orientação de alguns códigos corporais que orientam, conforme já vimos, a síntese do(a) garimpeiro: uma criança de três usando um colar de ouro e a fala da mãe sobre o fato da criança nunca “ter vindo na cidade”. Seria possível pensar o garimpo como um conjunto de *subcomunidades*? Além de ser uma configuração territorial à margem do Estado e da concepção de civilidade, constitui-se de grupos com características próprias, co-habitando o mesmo espaço, embora condicionados a limites construídos por *barreiras invisíveis*.

Por ora, penso que as múltiplas espacialidades concernentes ao garimpo são reflexos de um debate seminal nos discursos que envolvem a real civilidade, uma vez que barbárie e civilização andam lado a lado. São variadas as noções de espaço e tempo na esfera de valores que abarcam as fronteiras humanas, longe de uma limitação meramente geográfica, temos o espontaneísmo de populações vivendo e exercendo papéis distintos e integrados à sombra de duas nações contemporâneas (Brasil e França).

⁸ Segundo Aline, nos mandados judiciais ou documentos emitidos pelas Varas Cível e Criminal em Oiapoque, o uso corrente para designar esse perfil é *população transeunte*.

⁹ Entrevista realizada em 09/07/2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** Fondo de Cultura Econômica: México, 1993.

BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia.** Pierre Bourdieu; Jean-Claude Chamboredon; Jean-Claude Passeron. Petrópolis: Vozes, 2007.

CAVLAK, Iuri. **Breve história da Guiana.** Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2016.

CORBIN, Hisakhana P. & ARAGÓN, Luis E. **Imigração e garimpo, emigração e remessas: dois pilares da economia da Guiana.** Revistas Territórios & Fronteiras: Vol. 08, n.02, jul.-dez. Cuiabá, 2015.

CSORDAS, Thomas J. **Corpo/Significado/Cura.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

ELIAS, Nobert (1897-1990). **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade.** / Nobert Elias e John L. Scotson. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. **O processo civilizador (Vol.II). Formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GOÉS, David Souza. **Circulação de garimpeiros brasileiros na fronteira Oiapoque-Guiana Francesa: uma etnografia de vivências em conflitos.** Revista Fronteiras & Debates. V.1, N.2, Jul. Dez. Macapá, 2014. Disponível em: < <http://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> > Acesso em: 07/01/2019.

GOFFMAN, Erving (1922-1982). **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Hucitec, 1997.

ROMANI, Carlo. **Aqui começa o Brasil! Histórias das gentes e dos poderes na fronteira do Oiapoque.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

WERNECK, Alexandre. **Sociologia da moral como sociologia da agência.** In: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia da Emoção. RBSE – v.12, n.36, João Pessoa, dezembro de 2013.